

**PALAVRAS NOS MUROS/PAREDES:
EROTICIDADES E SUBVERSÕES NA CIDADE**

**WORDS ON WALLS / WALLS:
EROTICITIES AND SUBVERSIONS IN THE CITY**

Eliane Cristina Testa¹

Resumo: Neste trabalho proponho uma reflexão acerca de frases e/ou palavras espalhadas pelos muros da cidade de Araguaína (TO), problematizando questões como o erotismo, o corpo, o público e o privado. Seu *corpus* compreende os registros fotográficos feitos por esta autora. Para subsidiar a proposta, recorro aos seguintes pensadores: Petit (2009); Arendt (2016); Foucault (1984); Bataille (2016); Gil (1997) e Certeau (2014). Arrisco considerar as potencialidades da escrita/leitura dos muros/paredes como um lugar de forças mobilizadoras no qual se faz falar o corpo (as intersubjetividades), relacionando-o com as dinâmicas de visibilidade/invisibilidade, para simbolizar lugares de desvios e subversões.

Palavras-chave: Erotismo; corpo; escrita; leitura; espaços urbanos.

Abstract: In this work I propose a reflection about phrases and / or words scattered on the walls of the city of Araguaína (TO), problematizing issues such as eroticism, body, public and private. Its corpus includes the photographic records made by this author. To support the proposal, I refer to the following thinkers: Petit (2009); Arendt (2016); Foucault (1984); Bataille (2016); Gil (1997) and Certeau (2014). I venture to consider the potentialities of the writing / reading of walls as a place of mobilizing forces in which the body (intersubjectivities) is spoken, relating it to the dynamics of visibility / invisibility, to symbolize places of deviations and subversions.

Keywords: Eroticism; body; writing; reading; urban spaces.

Introdução

Ao transitarmos por uma cidade nem sempre somos capazes de ver todos os seus signos. A cidade é um espaço múltiplo e movente que, muitas vezes, requer (ou convoca) dos transeuntes um olhar atento, perceptível ou sensível. Este trabalho nasceu *a priori* de

¹ Professora do Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura (PPGL) e do Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (ProfLetras) da Universidade Federal do Tocantins. É poeta e artista plástica. E-mail: poetisalia@yahoo.com.br

encontros casuais e de deambulações cotidianas, mas também contou, em seu desenvolvimento posterior, com alguns registros fotográficos feitos por sua própria autora.

Em minhas andanças corriqueiras pela cidade de Araguaína (local onde atualmente resido), deparei-me com algumas pichações (“pixos” ou “pixações” grafia usual no *métier* dos pichadores) espalhadas por muros e paredes da cidade expressando um conteúdo erótico. Observei que as pichações eram assinadas por um mesmo autor (sujeito desconhecido por mim) e que estes registros (as pichações) apareciam em diferentes bairros da referida cidade.

Diante das pichações, de imediato, duas perguntas me vieram a mente. A primeira: de que modo a cidade lida com o erótico sob o signo da escrita ou não? E a segunda: que corpo-sujeito é este que escreve/picha o erótico no espaço público/urbano? Inquieta e pensativa pelas questões suscitadas, parti em busca de algumas respostas possíveis (mas, tenho consciência de que essas questões abrem espaço para diferentes pontos de vista). Todavia, as possíveis reflexões-respostas discutirão os espaços públicos e os privados para daí pensar o lugar do erotismo e do corpo, e suas relações com a escrita.

Ressalto ainda que essas reflexões-respostas não pretendem ser conclusivas, podendo ser mais elucubrações provisórias, impressões que se agregam a algumas visões teóricas. Portanto, pretendo encerrar esse texto com algumas (in)conclusões. Destaco, também, que para subsidiar a presente proposta, filio-me aos seguintes pensadores, a saber: Petit (2009); Arendt (2016); Foucault (1984); Bataille (2016); Gil (1997) e Certeau (2014).

Nesse contexto, para além da introdução e da (in)conclusão, o trabalho foi organizado em quatro partes ou seções intituladas: (i) Pichações ou palavras pintadas nos muros/paredes: formas de coexistência nos espaços urbanos; (ii) Forças mobilizadoras da escrita/leitura, do corpo e das dinâmicas de visibilidade/invisibilidade; e (iii) Tentativas de barramentos e dos desvios possíveis.

1 Pichações ou palavras pintadas nos muros/paredes: formas de coexistência nos espaços urbanos

Por ser social e político, o ser humano encontra-se de modo ativo na esfera da vida. Mas, por outro lado, é também regulado pelos domínios do público e do privado. O mundo tal como o conhecemos não existiria se não fossem as atividades humanas que o configuram. Contudo, cabe ao ser humano organizar as coisas, os ambientes e os discursos. Por isso, também podemos pensar o corpo como um espaço-corpo político/social. Então, os sujeitos

testemunham sua presença no mundo, a partir das atividades coletivas (pois os homens vivem em comunidade) e as especificidades humanas vão sendo construídas na medida da vida ativa, embora estas também dependam da “ação” do homem, – como afirma Hannah Arendt (2016, p. 27-28): “Só a ação é prerrogativa exclusiva do homem [...]” – assim como os discursos que, de acordo com essa filósofa, são um “meio de persuasão” (ARENDR, 2016, p. 38). Desse modo, as especificidades humanas são significadas e expressas por palavras e pela persuasão cujas esferas desdobram-se entre os domínios público e privado.

Para Arendt (2016, p. 34-35), é difícil distinguir entre as esferas públicas e privadas da vida, pois a linha que as divide é tênue ou difusa, uma vez que “[...] o corpo de povos e comunidades políticas é como uma família cujos assuntos diários devem ser zelados por uma gigantesca administração doméstica de âmbito nacional”. Neste sentido, o cuidado, “a administração” das coisas cotidianas (de bens comuns) é da ordem do macro e não do micro e pressupõem economias (modos de administração) coletivas, social e politicamente organizadas em forma de nação (única família sobre-humana). Não há abismos profundos na organização social/política (como havia no mundo antigo dos gregos e dos romanos) que difiram as duas esferas da vida, na contemporaneidade, pois ambas envolvem preocupações constantes coletivas. Sendo assim, os domínios público e privado recobrem-se mutuamente no processo da vida.

Com o aparecimento da sociedade moderna, houve uma alteração significativa das esferas do privado e do público. Arendt (2016, p. 47) defende a ideia de que aquilo que é chamado de privado, na verdade, é hoje uma esfera de intimidade. A privatividade (que historicamente não deve ser mais encarada pelo seu significado literal) significa, segundo a estudiosa “[...] abrigar o que é íntimo [...]”. Todavia, o que é íntimo é oposto à esfera política? A resposta a esta pergunta é negativa, pois o que é íntimo é oposto à esfera social, que é um espaço que mantém, de modo autêntico, maiores relações de proximidade.

Para continuarmos a discorrer (e refletir) sobre as esferas pública e privada, vejamos as imagens abaixo:



Fig. 1. “Pichação 1” (Foto da autora, 2018).



Fig. 2. “Pichação 2” (Foto da autora, 2018).



Fig. 3. “Pichação 3” (Foto da autora, 2018).



Fig. 4. “Pichação 4” (Foto da autora, 2018).



Fig. 5. “Pichação 5” (Foto da autora, 2018).

Ao olharmos os conteúdos das figuras, tentamos buscar neles as estreitas relações entre o social e o íntimo (compreendido aqui como um tipo de manutenção de sobrevivência individual ou premência de vida). Podemos ler estas pichações (ou, então, interpretarmos estes textos) como expressões das diferentes experiências cotidianas dos sujeitos que talvez representem desvelamentos de um tipo de invenção de um cotidiano “outro”, estabelecido por forças mobilizadoras que podem descondicionar os sujeitos automatizados por uma série de

convenções sociais, hábitos, interditos, comportamentos de controle que estão presentes em nosso dia a dia.

Ainda estas pichações podem ser vistas pelo leitor (o olhador-interpretante visual-textual) ou “ledor” (para usar um termo de Compagnon, 2009) como frases-comandos e resultar mentalmente em uma proximidade mais íntima comumente vivenciada na esfera privada. Além disso, pode vir à tona um tipo de leitura/interpretação que possibilita uma criar, uma “texturologia” (Certeau) tramada de resistência ou de estranhamento? Lemos nessas frases-comandos (nas pichações) a representação de um artefato óptico-erótico que produz diferentes efeitos de sentidos.

Esta forma de expressão, por exemplo, revela o ato da escrita, carregando um gesto que poderia ser visto como uma ação ilegal ou “imoral”? Poderíamos perguntar ainda: que gesto é este que rompe com a ordem pública “estabelecida”? Lembremos que, via de regra, nos espaços públicos, mensagens desta natureza (ou de teor erótico ou pornográfico) são proibidas e estão sujeitas a sanções legais. Porém, que efeitos podem desencadear estes escritos eróticos? Talvez transmitam rupturas das paisagens construídas por regulamentos sociais e psíquicos de modo a garantir sempre a “ordem” e as leis. Por isso, acreditamos que a leitura das pichações intensifique espaços de “linha de fuga”, por desempenharem um tipo de potência-gesto de resistência, um rearmamento para as interdições da vida, uma fruição “estranha”, uma conquista provisória de liberdade, uma adesão às paixões e aos sentidos da vida, uma afirmação em sentir-se parte de uma comunidade. São esboços de mecanismos perigosos, sustentados por uma rede cultural que fornece pistas para compreendermos as práticas eróticas e o que elas significam ou reivindicam. Assim, tentaremos destacar alguns aspectos importantes deste processo complexo que assegura ou engaja diferentes forças mobilizadoras. Portanto, a seguir, elencaremos alguns elementos (ou indícios) que configuram ou reivindicam estas forças, mas sem a pretensão de esgotar este tema, como já destacamos.

2 Forças mobilizadoras da escrita/leitura, do corpo e das dinâmicas de visibilidade / invisibilidade

Observamos que “ocupar com a escrita” ou fazer uso do espaço urbano implica formar trajetórias, produzir cartografias que podem alterar profundamente os espaços. O ato de escrever estas frases-comandos ou realizar estes “pixos” (uso coloquial do termo) na cidade

significa abrir espaços a novos horizontes sustentados por trajetórias escriturais menos opacas e segaduras, uma vez que as pichações conseguem “iluminar” (o ato de desenhar/pichar representa uma ação de fazer ressaltar alguma coisa). Podemos dizer que é como se jogássemos um holofote ou uma luz altamente clara num ponto escuro. Assim, a cidade habitada configura-se metaforicamente como um dispositivo de articulações e espaços plurais frente a diferentes realidades e subjetividades múltiplas. São metáforas súbitas de libertação, de alegria e de convites ao gozo.

As pichações eróticas (algumas até podem parecer pornográficas, mas aqui comungamos com as ideias de Georges Bataille sobre o erotismo) espalhadas pela cidade desestabilizam a sua organização racional e disciplinada. Essas mensagens eróticas opõem-se aos dispositivos de controle e não se reprimem diante deles, pois a cidade, como afirma Michel de Certeau (2014), é “[...] um lugar de transformações e apropriações, objeto de intervenções [...]”, estes modos de interferências no espaço urbano (ocupar os espaços com tais pichações) carregam em si movimentos contraditórios e de desvios sensíveis; são marcas que enunciam um estar-no-mundo ou um “ser”-no-mundo, representação de um fenômeno social “ato-fala” que se dá por um processo de apropriação e realização (tanto do sistema topográfico quanto do linguístico), fenômeno, aliás, implicado por relações intersubjetivas e subjetivas que envolvem múltiplas camadas de significados (polissemias), aberto para potencializar forças desafiadores e/ou violadoras.

Experiências que permitem uma expansão das subjetividades possibilitam outros caminhos menos pré-moldados, um respiro, uma saída à contenção, à economia restritiva, à nudez (ou “mutismo” para usar um termo de Michel Foucault), à censura, à repressão de ordens históricas, aos mecanismos de poder, conforme afirma este último:

Se o sexo é reprimido com tanto rigor é por ser incompatível com uma colocação no trabalho, geral e intensa; na época em que se explora sistematicamente a força de trabalho, salvo naqueles, reduzidos ao mínimo, que lhe permitem reproduzir-se? (FOUCAULT, 1988, p. 12).

Deste modo, podemos perceber que as repressões em relação ao sexo, segundo o pensador francês, coincidem com os regimes de poder (há correlações diretas entre o sexo e o poder, bem como o mundo do trabalho, o capitalismo e a burguesia). Para Foucault (1988), o fato de falar de sexo já pressuporia uma transgressão deliberada, pois falar de sexo é desafiar a ordem estabelecida, é fazer submergir uma voz subversiva, é tocar em alguma coisa da ordem da revolta, da revolução de corpos, da liberdade “prometida” a todos os homens, é

firmar um contradiscurso à opressão, é deixar confluir o “esperado jardim das delícias” (FOUCAULT, 1988, p. 13).

Foucault (1988) fala sobre a “polícia do sexo” (regulações por meio de discursos úteis e públicos) que serve para atuar nas intersecções das variações da vida e das instituições, ensejando a conduta sexual diferentes regras de intervenção que se destinam, muitas vezes, a tentativas de regulação e de controles de suas práticas. Assim, para o teórico francês, o sexo desencadeia uma rede de discursos, de saberes e de poderes, acionada pelos regimes de “[...] poder-saber-prazer que sustenta, entre nós, o discurso sobre a sexualidade humana” (FOUCAULT, 1988, p. 17). Por isso, a sobrevivência da sexualidade é discursiva, mas os discursos que a sustentam não proliferam fora das instâncias de poder ou contra elas.

Essas inscrições eróticas sobre os muros e as paredes (que podem representar dispositivos de registro) da cidade de Araguaína também concretizam uma *performance* indiciadora (e incitadora) do onírico, do lugar desejado (implicado por desejos inconscientes e conscientes), de uma re/construção topológica, sinalizando um lugar sem fronteiras numa tentativa de diminuir (ou burlar/violar) as lacunas entre a esfera íntima e a pública. Outrossim, elas podem sugerir e apontar uma ampliação/expansão da liberdade de expressão dos sujeitos reprimidos. Quiçá signifique ainda o símbolo de um profundo apelo à vida contra o tempo e a morte. Assim, os registros que se apresentam a nós inscrevem um entremeio urbano-poético-erótico avesso aos interditos e aos desejos refreados na esfera pública, como nos diz Foucault (1988): “O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado, o sexo, a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como *o segredo*” (FOUCAULT, 1988, p. 42). Então, o sexo pode torna-se a palavra perigosa? O enigma inquietante do secreto (que condena os sujeitos à submissão escrupulosa) é o que proporciona uma sexualidade controlada, útil e conservadora.

Estas frases também são registros de vozes (porque nunca é uma voz “pura”, mas sim, determinada por sistemas sociais, psíquicos, familiares, linguísticos, etc.) do povo. Todavia, muitas vezes, estas vozes do povo acabam ficando afastadas ou isoladas da sociedade em virtude do triunfo do sistema capitalista ou dos aparelhos de poder e disciplinadores. Daí a defesa de Certeau (2014), quando afirma que “[...] longe, bem longe dos poderes econômicos e administrativos, “o Povo fala”. Palavra ora sedutora ora perigosa, única, perdida (malgrado violentas e breves irrupções)” (CERTEAU, 2014, p. 202). Nesse sentido, vemos que as vozes voltam (“sedutoras”? ou “perigosas”?) e que “o Povo fala” e quer ser ouvido de algum modo.

Então, estas vozes-pichações tendem a romper com ou a violar as repressões controladoras e com os interditos, voltados a colonizá-las, como afirma Foucault “[...] o poder reduz ao silêncio; [...]” (FOUCAULT, 1988, p. 69).

O povo é, muitas vezes, silenciado. Os corpos, em grande parte, são invisíveis perante às esferas de poder e o trabalho (que assegura a acumulação do capital) sujeita os homens à sua constituição como “sujeitos” obedientes a uma moral do corpo social. Contudo, mesmo diante desta situação de invisibilidade ou desta ausência (ou mudez) de voz (ou vozes), os sujeitos que habitam (ou transitam pela cidade), a cidade vai deixando suas marcas, que são aqui neste trabalho, as vozes-pichações-eróticas. Estas vozes podem representar algum tipo de ruído dentro de uma paisagem urbana que se pretende limpa, higiênica, estéril, controlada e regulada. Mesmo diante de um “certo” policiamento da linguagem, estas vozes surgiriam como irrupções reivindicadoras de outros poderes arvorados por imperativos de campos verbais/visuais/sonoros que, aliás, podem ser reconhecidos com facilidade pela nossa sociedade “escriturística” (CERTEAU, 2014).

Este tipo de cartografia pela escrita pode modificar as práticas cotidianas e tornar visível o que está invisível; dar vez aos corpos silenciados e voz a vozes apartadas do poder. Compreendemos que é o espaço público que, em grande medida, pode evidenciar e legitimar as práticas heterogêneas, as articulações simbólicas: a escrita. Simbolicamente há um corpo-presença, uma “palavra-viva”, uma voz que representa uma maneira de ser/estar no mundo. No caso do sujeito que realizou as pichações (um sujeito desconhecido para nós), deixa-se evidenciar pela sua *performance* e sua autoria (pois há uma assinatura). Tem-se, até o momento da realização deste trabalho, os registros desta escrita/ “pixos”, as marcas singulares e individuais deixadas por meio das frases-comandos, reveladoras também de um modo de operar no social: pela ocupação, aliás, neste contexto, o procedimento de “ocupar” implicaria uma dupla condição: a do proibido e a do permitido.

Além disso, a escrita articula uma série de operações mentais e gestuais. Ela é um artefato revelador de práticas corporais (itinerantes ou não), temporais (progressivas) e de regulamentações de um fabricar, que assegura um modo de fazer. Assim, os sujeitos constroem suas marcas e estas garantem seus espaços de domínio sobre o tempo e as coisas construídas. Em si, como produção de desejos (de querereres), é um “querer-fazer” atuante por meio de forças multiformes. A escrita e o corpo também estão em relação. O corpo, que pode ser lido como um texto, ajuda a contextualizar e a organizar o espaço social. Temos, de um

lado, um corpo simbólico e, de outro, sujeitos de carne e de osso. Um corpo sempre faz referência ao outro. É sempre um corpo falando com outros corpos pelos (des)entendimentos ou pelos (des)encontros de um modo sincro-diacrônico.

O corpo ao qual me refiro, nesse trabalho, consegue ultrapassar os limites do ato de falar (nas representações gráficas) e amplia essa legibilidade em seu próprio ato de caminhar, que se torna também um espaço de enunciação, pois (des)organiza o lugar, inventando outro por meio do seu próprio fazer. Este fazer é uma instância de resistência, mas ainda de vias de alteração do ordinário (do cotidiano), pois este corpo (deambulante) (re)apropria-se do espaço e o usa a seu modo, atribuindo a ele “e a si” outros papéis menos conformadores e obedientes/passivos. Portanto, o corpo carrega em si próprio táticas poderosas, instrumentos que alteram os códigos, que são as brechas das mobilidades, dos jogos com a linguagem e das mil inventividades.

Estas pichações eróticas espalhadas são rebeldias contra o controle da sociedade? Acredito que sim, como já foi explicitado nos parágrafos anteriores. Estes enunciados podem representar uma ação contra o domínio social que exige que seus membros se mantenham em igualdade (no sentido de domínio público) para representar o interesse comum e a opinião correta, uma vez que a expectativa, ou aquilo que a sociedade espera de cada um, é um certo tipo de comportamento configurado sob a égide de inúmeras e de diferentes regras ou convenções sociais, imbuídas de uma esperança de “normalizar” o comportamento de seus membros. Por isso, os atos de “rebeldia”(?) podem ser lidos como ações espontâneas e/ou façanhas extraordinárias, um jogo de supressão dos limites, das normas e da solidão individual. Portanto, o que está em jogo em atos desta natureza são outras percepções, talvez uma presença iminente de um choque expresso por paradoxos e signos anunciadores do espaço erótico que a sociedade não pode escamotear sempre.

3 Tentativas de barramentos e dos desvios possíveis

Sabemos que a sociedade espera que os sujeitos (seus membros) se comportem ao invés de agirem em relação aos demais, aos outros. Podemos dizer ainda que esta ação de escrever, no espaço público ou no espaço urbano, não deixa de ser também um ato político. Atos de resistência e de subversão geradores de desvios possíveis ou flutuações de descontrole que estabelecem outras relações cotidianas mais dinâmicas. Como sabemos que

existem certos padrões estabelecidos socialmente, estas pichações podem ser rechaçadas por alguns transeuntes. Muitos podem se mostrar intolerantes diante delas (por exporem a ordem dos desejos). Por isso, muitas vezes, estas pichações são extirpadas, banidas, excluídas, barradas e apagadas, pois se distanciam do comportamento uniforme e da “ordem” social. Vejamos abaixo algumas tentativas de barramentos destas pichações-eróticas:



Fig. 6. “Pichação 6” (Foto da autora, 2018).



Fig. 7 “Pichação 7” (Foto da autora, 2018).



Fig. 8. “Pichação 8” (Foto da autora).

Contudo, percebemos que as tentativas de apagamento foram malsucedidas, pois ainda conseguimos ler/ver as palavras, por exemplo, na Fig. 6. “Pichações 6” somente o termo “buceta” (um dos muitos nomes “chulos” ou informais que a vulva recebe na linguagem coloquial) recebeu uma camada de tinta branca, mas vemos que não foi suficientemente grossa para apagar totalmente as palavras (perigosas? em que o prazer e o poder se reforçam), ainda conseguimos ver/enxergar as palavras. Todavia, independentemente da falta de êxito de se apagar as pichações, notamos pelo próprio processo de barramento ou de cancelamento, o quanto elas podem incomodar como um produto “real” de interferência sobre os corpos e seus prazeres.

Se adotarmos o ponto de vista do domínio público, recorrendo às palavras de Arendt: “[...] há coisas que devem ser ocultadas e outras que necessitam ser expostas em público [...]” (ARENDR, 2016, p. 90), vemos que a intenção do barramento era a de ocultar aquilo que a comunidade pensa ser uma infração legal ou moral?; a de se deixar os prazeres em segredo, em mutismos, “[...] aquilo que se recusa dizer ou que se proíbe mencionar [...]” (FOUCAULT, 1988, p. 33), a fala do corpo como uma produção de “verdades”; o sexo como um poder causal inesgotável e polimorfo, capaz de consequência mais variadas e/ou perigos ilimitados?!

Para Arendt (2016): “Toda vez que falamos de coisas que só podem ser experimentadas na privacidade ou na intimidade, trazemo-las para uma esfera na qual assumirão uma espécie de realidade [...]” (ARENDR, 2016, p. 42). Se considerarmos a escrita um tipo de “fala”, poderíamos perguntar: que espécie de realidade estas pichações criam?

Possivelmente, uma intensificadora da presença-ausência do sujeito-autor e da sua relação com outros corpos/sujeitos, em suas sexualidades. Entretanto, essa “realidade” implica instâncias comunicativas abertas a diferentes pontos de vista e vozes. De acordo com Arendt (2016, p. 70): “A importância de ser visto ou ouvido por outros provém do fato de que todos veem e ouvem de ângulos diferentes”. Nesse sentido, escrever nos muros/paredes assegura um modo de convocar uma multidão (de leitores) e faz desencadear leituras possíveis (olhares possíveis) ao mesmo tempo que faz vir à tona “[...] a obscenidade escondida no fundo de nosso coração” (BATAILLE, 2014, p. 159).

A escrita engendra uma abertura para o autor ser visto/ouvido. Tanto as pichações sob a rubrica de *n7na* (grifo nosso) quanto as clandestinas (seriam estas pichações de um mesmo autor?) conseguem atingir uma gama de olhares e congregar forças de excessos, não escondendo aquilo que escancara o próprio sujeito, revelações de volúpias e de princípios de latência essencial à sexualidade. Todavia, estas inscrições-volúpias apresentam-se desvinculadas da razão e da lógica do trabalho. Este sujeito-autor em suas relações “objetivas” acaba por se livrar de suas próprias subjetividades, em outras palavras, desvela nuances de sua existência secreta/obscura, como diz Arendt (2016): “[...] o homem privado não aparece e, portanto, é como se não existisse.” (ARENDR, 2016, p. 72). Deste modo, a importância de ser visto/ouvido (por meio das pichações eróticas) testemunha e valida a existência, o revelar-se dizendo desta obscura verdade erótica também ratifica o desejo de visibilidade e faz funcionar a afirmação da vida.

(In)conclusões

Falar em conclusões seria difícil, pois sabemos que este tema não se esgota aqui. Por isso, preferimos fazer algumas considerações finais (mesmo que ainda sejam provisórias ou inacabadas). Assim, podemos apontar que os registros eróticos podem (ou conseguem) eclipsar todas as outras experiências eróticas reconhecíveis, assumindo uma aparência (isto é, uma “realidade”) que talvez ilumine o domínio público (aquilo que é comum a todos). Esta presença-escrita (que comumente é atribuída ao caráter privado e secreto, bem como ao espaço íntimo) pode não ser tolerada por alguns membros da sociedade, pois abrigaria (social e sexualmente falando) o “irrelevante” ou aquilo que não é comum a todos. Estas mensagens

podem ser paradoxais, ao mesmo tempo que conseguem separar e relacionar os homens entre si.

Outrossim, como a coletividade pode se definir pelos interditos (proibições), isto é, pelo mundo do trabalho, ela acaba por se estabelecer por este mesmo mundo, mas não podemos esquecer que é ela também que se opõe aos movimentos de excessos, às violências desregradas dos desejos, aos impulsos animais e aos movimentos tumultuosos que se liberam nas festas. Portanto, a coletividade e o trabalho tendem a fazer cessar (como um mecanismo de interdição) os impulsos mais imediatos ou prementes.

Se houvesse uma aceitação total do interdito (do mundo do trabalho) nós nos tornaríamos simplesmente uma “coisa” subordinada apenas ao instante-presente (quer-se sempre o útil). O erotismo e o trabalho encontram-se em paradoxo, mas é aquele que está mais voltado à transgressão, conforme afirma Bataille (2014): “A transgressão do humano – [...] é o ápice do humano” (BATAILLE, 2014, p. 17). Então, o erotismo pode ser compreendido como a intensificação humana e está entre dois polos: o do interdito e o da transgressão. Esta última confirma o que é o humano, o demasiadamente humano.

Se as pichações apresentadas neste trabalho correspondem a uma contramão à sociedade capitalista (do acúmulo), elas também confirmam o “paradoxo da utilidade absoluta” (BATAILLE, 2014). Esta ruptura com a própria lógica do trabalho (que é cálculo e conduta racional, esforço à produtividade e utilidade) subtrai a finalidade de produção a de fruição, pois no erotismo há perda, há “bioenergias” (FOUCAULT) gastas, há um dispêndio (liberação dos excessos contra os limites da razão) energético que se identifica com o gozo, mas nunca com o acúmulo (ideia central do sistema capitalista). Dessa forma, o erotismo se inscreve na economia dos prazeres, que também cinge e determina os sujeitos, e, até mesmo, os deixa escapar a si mesmos.

Em todo caso, é a transgressão que coloca o sujeito em contato com o erotismo, ela tende à continuidade dos corpos. Então, não podemos esquecer que é o interdito que dá a condição para a existência do sentido. Estas pichações escapam à regra da utilidade e, por isso, podem perturbar os corpos, “[...] o que está em jogo no erotismo é sempre uma dissolução das formas constituídas” (BATAILLE, 2014, p. 42). Formas estas que se ligam à vida social e regular que o erotismo perturba e desordena. Os domínios do erótico se recusam à vontade de fechamento em si mesmo. O erotismo é interior a nós e pode ser visto como um movimento do ser em nós. Os sujeitos podem transgredir o interdito (a proibição), cedendo a

um impulso da experiência em que subsiste um fundo de violência (impulsos do desejo), numa tentativa de reduzir a razão por meio daquilo que excede os limites. Por isso, o erotismo está sob os domínios da reprodução sexual e da morte. Além disso, do erotismo brotam forças mobilizadoras que fazem falar o corpo (os corpos do autor/leitor), por meio das transgressões (as pichações-voluptuosas).

Em suma, podemos pensar estas pichações-eróticas como signos de transbordamentos e de excessos; como promessa e afirmação da vida. Para Octavio Paz (1999, p. 22), o erotismo é “[...] desejo sexual e alguma coisa mais [...] ele se nutre da sexualidade, é natureza; e, ao mesmo tempo, a desnaturaliza”. Nesse sentido, no erotismo a sexualidade é socializada, “desnaturalizada” e está submetida à uma função social e histórica. O erotismo é complexo porque vai além da perpetuação da espécie e serve ao prazer, ao gozo, ao estímulo, à excitação, ao pleno, à expressão de libido, podendo ainda revelar-se como uma luta intensa contra a morte (sempre presente em nossa vida diária). Porém, a realidade, como afirma Paz (1999, p. 48), é sempre “[...] dupla – presença e ausência, corpo e imagem”.

Diante do que afirma Paz (1999), parece ser no tecido dessa realidade “dupla” que este corpo se faz falar erótico, que este corpo erótico intensificado é um atravessamento simultâneo de vozes transgressoras que colocam em funcionamento uma rede complexa de discursos, de saberes, de prazeres e de poder. O corpo, que segundo José Gil (1997, p. 23) também é “O permutador de códigos”, que se permite sempre significar, ele é necessário para as recodificações e para as possíveis reorganizações de outros corpos. Mas os corpos estão sempre à mercê dos signos das sensações e das transgressões dos tabus, e os regimes do excesso servem à violação das leis públicas e aos desvios da comunidade coletiva – a sociedade.

Referências

- ARENDDT, Hannah. Os domínios público e privado. In: *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 13.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GIL, José. *Metamorfoses do corpo*. 2.ed. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

PAZ, Octavio. *Um mais além erótico*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Mandarim, 1999.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Trad. Arthur Bueno e Camila Boldrine. São Paulo: Editora 34, 2009.

*Recebido em 12 de dezembro de 2018.
Aceito para publicação em 20 de maio de 2019.*